

USOS DO PASSADO, MEMÓRIA E PATRIMÓNIO CULTURAL

1ª Conferência Internacional

25 a 27 de NOVEMBRO de 2019
Lisboa, Arquivo Nacional Torre do Tombo

Padrão dos Descobrimentos, Exposição do Mundo Português, Lisboa, 1940.
Col. Estúdio Horácio Novais | FCG - Biblioteca de Arte e Arquivos.

Entrada livre

INSTITUTO
DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA

NOVAFCSH

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

A culminar o primeiro ano de trabalho da linha de investigação «Usos do Passado, Memória e Património Cultural», no âmbito do IHC, organizamos uma conferência, que pretende interrogar esse campo conturbado e confluyente de ciências sociais e humanas como a história, a antropologia, a arqueologia, a museologia: os usos do passado. As abordagens acerca da memória, objectificada como património, sobretudo desde os anos 1980, correspondem a um estado do saber e das sociedades, quando o optimismo se diluiu e o futuro pareceu tornar-se passado. Essa viragem, coetânea de mudanças ao nível das sociedades, requereu uma reflexão sobre os usos do passado, como artefacto do presente, sujeitos às relações de forças dentro das sociedades, que interroge igualmente o lugar do porvir, em tempos de futuros pretéritos. Convocando quer investigadores reconhecidos, quer jovens com trabalhos em curso nesse domínio de orla, nesta conferência pretende-se interrogar o crescendo dos estudos sobre a memória, o património e o anti-património, a relação com as fontes orais, os arquivos e os museus, ao mesmo tempo que se debate a teoria e os métodos, numa abordagem em que se convocam saberes de fronteira de várias disciplinas. Resulta do aprofundamento dos saberes no âmbito de um conjunto de relações estabelecidas pelos investigadores da linha de investigação «Usos do Passado, Memória e Património Cultural», congrega colegas de vários centros europeus, da Universidade Federal do Ceará e da Red(e) Ibero-Americana Resistência e/y Memória, trazendo até Lisboa investigadores de várias proveniências disciplinares, no domínio das ciências sociais e humanas.

PROGRAMA

25 de Novembro

9h30: Abertura

10h00: **Conferência inaugural:** Rui Bebiano (CES—Universidade de Coimbra), *Memória histórica, trauma e democracia*

10h45: Debate

11h30: **Painel 1: O passado e o futuro são países estrangeiros? Teoria e métodos**

11h30: Paula Godinho (IHC — NOVA FCSH), *Real, imaginado e horror: a anemia da razão crítica e a força da memória colectiva*

11h45: Anouk Guiné (Université du Havre), *Metodología y producción de conocimiento en contexto de posconflicto. El caso peruano*

12h00: Raúl H. Contreras Román (UNAM), *Evocar el porvenir. Apuntes para el estudio etnográfico de futuros pasados*

12h15: João Carlos Louçã (IHC — NOVA FCSH), *A memória como artefacto para amanhã*

12h30: Debate

14h00: **Painel 2: História, memória, esquecimento e usos do passado**

14h00: Fabienne Wateau (CNRS), *Herança indesejada e memória do meio. Acerca de marcas, matérias e objetos*

14h15: Jorge Freitas Branco (ISCTE-IUL), *Os inertes também falam. Esquecimento e memória em torno dos georrecursos da ilha do Porto Santo*

14h30: Shawn Parkhurst (University of Louisville), *(Re)Making the Commons of a Duriense village: Remembering Space and Spacing Memory*

14h45: Pedro Martins (IHC — NOVA FCSH), *Os usos da Idade Média: a dicotomia História-Memória à luz do medievalismo português (c.1840-1940)*

15h00: Tânia Casimiro (IHC — NOVA FCSH), *Materialidades, identidades e desigualdades sociais: uma perspectiva arqueológica (1755-1830)*

15h15: Debate

16h00: **Painel 3: Usos do Passado: materialidades, práticas e resistências**

16h30: Felipe Criado (INCIPIT — CSIC) e Rafael Millán (INCIPIT — CSIC), *Arqueologia, Cognição, Memória*

16h45: Rui Gomes Coelho (Rutgers University, Joukowsky Institute for Archaeology and the Ancient World, Brown University e UNIARQ—Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), *Intimidades imperiais na Lisboa contemporânea*

17h00: Xurxo M. Ayán Vila (IHC — NOVA FCSH) e Xosé Gago García-Brabo (Câmara Municipal de A Pobra do Brollón), *Adegas da Memória: a construção da memória nas comunidades camponesas da Ribeira Sacra*

17h15: Márcia Hattóri (INCIPIT), *Patrimônio como desvio dos processos de reparação da violência de Estado e patrimônio como contestação territorial quilombola*

17h30: Josu Santamarina Otaola (Universidade do País Basco), *Usos do Passado num contexto de post-conflito: violencia política, materialidade, memoria e patrimonio em Euskal Herria*

17h45: Debate

26 de Novembro

10h00: Painel 4: *Património e encenações*

10h00: Suene Honorato (Universidade Federal do Ceará), *O cânone romântico brasileiro: exclusão das lutas indígenas e suas implicações para o presente*

10h15: Dulce Simões (INET – NOVA FCSH), *O património cultural e a construção de imaginários futuros*

10h30: Ema Pires (IHC – Universidade de Évora), *Sobre muros de xisto, javalis e árvores: modos possíveis de habitar numa aldeia do interior de Portugal*

10h45: Heriberto Cairo Carou (Universidade Complutense de Madrid), *“Las Hermanitas Malvinas”: Identidad, Geopolítica y Cultura Popular en Argentina*

11h00: Ana Estévez (Museo do Pobo Galego), *Café da memória no Museo do Pobo Galego*

11h15: Debate

11h30: Painel 5: *Emblematizações, memória e resistência*

11h30: Cristina Nogueira (IHC – NOVA FCSH), *Uma comunidade que lembra: as comemorações do 85 aniversário do 18 de janeiro na Marinha Grande*

11h45: Brian Juan O’Neill (ISCTE-IUL), *A Relic People? Luso-typicalism in 18th Century Marriages*

12h00: Adelaide Gonçalves (Universidade Federal do Ceará), *Sementes de Memória e Resistência: Mulheres camponesas e soberania alimentar*

12h15: Mariana Rei (IHC – NOVA FCSH), *Das capitais do têxtil às capitais da cultura: notas sobre uma pesquisa em curso no contexto de Guimarães - Lille*

12h30: Atílio Bergamini (Universidade Federal do Ceará), *Genocídio cotidiano: elementos para a construção de um conceito*

12h45: Debate

14h30: Painel 6: *Os arquivos: que passado guardado?*

14h30: Tiago Baptista (IHC – NOVA FCSH e ANIM), *Os arquivos de filmes e a patrimonialização do cinema*

14h45: Silvestre Lacerda (ANTT), *Os arquivos e as memórias individuais e das organizações: descrição, preservação e disponibilização on-line*

15h00: Luísa Tiago de Oliveira (ISCTE-IUL), *História Oral, Fontes Oraís e Arquivos Oraís*

15h15: José Manuel Lopes Cordeiro (Universidade do Minho), *O Arquivo da Administração da Região Hidrográfica do Norte: um património a conhecer e valorizar*

15h30: Maria de Lurdes Rosa (IEM – NOVA FCSH), *O multiverso arquivístico, para arquivistas e historiadores*

15h45: Debate

16h00: **Projeção de O Silêncio**, de António Loja Neves e José Alves Pereira

18h30: **Casa da Achada: Apresentação de livros**

- Alfredo González e Xurxo Ayán: *Arqueología. Una introducción a la materialidad del pasado*, Madrid, 2018, Alianza Editorial, por Felipe Criado
- Jorge Moreno, *El Duelo revelado*, UNED, 2019, por João Rodrigues e Vanessa Almeida
- Daniel Bensaïd, *Espectáculo, Fetichismo, Ideologia (um livro inacabado)*, Fortaleza, Plebeu Gabinete de Leitura, 2019 (reedição de uma obra publicada em 2013 e há muito esgotada)

19h30: Actuação do **Coro da Achada**

27 de Novembro

10h00: **Painel 7: Exibição do passado (1): os museus**

10h00: Maria da Luz Sampaio (IHC – NOVA FCSH), *Caminhos da salvaguarda e difusão das coleções técnico-industriais*

10h15: Gonçalo de Carvalho Amaro (IHC – NOVA FCSH), *Um museu mestiço: o gradual reconhecimento da cultura indígena por parte dos museus chilenos*

10h30: Maria Miguel Cardoso (Museu do Trabalho Michel Giacometti), *Memória, Narrativa e Poder: o papel da memória na construção de narrativas museais - o caso do Museu do Trabalho Michel Giacometti*

10h45: Ângela Luzia (Museu da Cidade de Almada), *Estratigrafias: a função da memória em cenários de ruína industrial*

11h00: Francisco Régis Lopes Ramos (Universidade Federal do Ceará), *O Museu Histórico Nacional e a divulgação da história do Brasil (cultura material e escrita da história)*

11h15: Covadonga López de Prado (Museo Massó de Pontevedra), *O enfoque de género nas museografias. A necessidade de implantar un enfoque feminista*

11h30: Debate

12h00: **Painel 8: Exibição do passado (2): os museus e a democracia**

12h00: María Lois (Universidade Complutense), *'He Maori ahau': patrimonialización, museos y contextos postcoloniales*

12h15: Rui Pereira (IHC – NOVA FCSH), *Descolonizar o Museu, Descolonizar o Saber, promover a igualdade, combater a discriminação*

12h30: Luís Farinha (IHC – NOVA FCSH e Museu do Aljube), *Museu do Aljube Resistência e Liberdade: Construção de um lugar de memória democrática*

12h45: Maria Alice Samara (IHC – NOVA FCSH), *Metamorfoses do espaço: de prisão a museu*

13h00: Debate

15h00: **Painel 9: Usos do Passado, memória política e ditaduras**

15h00: Manuel Loff (IHC – NOVA FCSH e Universidade do Porto), *“A maior catástrofe da história portuguesa”: “retornados” e descolonização no discurso público português*

15h15: Jorge Moreno Andrés, *Fotografía, duelo y memoria. El uso de las imágenes familiares en contextos de violencia política*

15h30: Miguel Cardina (CES—Universidade de Coimbra), *(Des)monumentalizar a luta: heroísmo, tempo e nação*

15h45: Lourenzo Fernandez Prieto (USC), *O relato dun pasado que non existe máis. Historia e musealización*

16h00: Aitzpea Leizaola (Universidade del País Vasco, UPV-EHU), *Memorias incompletas, patrimónios incómodos. Interrogando los objetos de las exhumaciones de fosas comunes de la Guerra Civil española*

16h15: Fernando Rosas (IHC – NOVA FCSH), *Portugal século XX: o “colonialismo popular”*

16h30: Debate

17h00: **Performance de Joana Craveiro:** *Quando o passado (nos) persiste, ou, disse ele, “Há sempre uma história por detrás de todas as coisas”*. Uma keynote em jeito de palestra performativa sobre alguns passados que não nos largam.

RESUMOS

Gonçalo de Carvalho Amaro (IHC – NOVA FCSH)

Um museu mestiço: o gradual reconhecimento da cultura indígena por parte dos museus chilenos

Nos últimos tempos, a representação das comunidades indígenas em museus tem sido tema de debate, conflito e até de reestruturação dos próprios museus. Trata-se de um processo que está intimamente ligado com os sistemas de colonização e a forma como essas comunidades – sobretudo as do continente americano e do subcontinente australiano – foram dominadas, aculturadas e espoliadas do seu património. Com a mudança de paradigma e com o desenvolvimento dos estudos pós-coloniais e com a gradual abertura dos museus levou a que as comunidades indígenas começassem paulatinamente a exigir participar nos processos de musealização de aspetos referentes à sua cultura, nomeadamente a intervir em certos museus históricos e a criar os seus próprios museus comunitários.

A decisão de encerramento do Museu Histórico Nacional, no Chile, e a preparação um novo guião que deixe de glorificar a vitória dos colonos mas que exiba também a riqueza das culturas indígenas do país e o seu contributo para uma sociedade mestiça é, sem dúvida, um importante ponto de viragem, que já vinha a ter momentos de afirmação indígena com a exposição Wenu Pelon e com a nova museologia do Museu Mapuche de Cañete.

Jorge Moreno Andrés (CIEMEDH – UNED)

Fotografía, duelo y memoria. El uso de las imágenes familiares en contextos de violencia política

¿Quién guarda las fotografías familiares en una casa? ¿Cómo circulan dentro del espacio doméstico? ¿Qué ocurre cuando pertenecen a aquellos que padecieron la violencia política? ¿Por qué en unas casas perviven y en otras desaparecen? Las fotografías de las víctimas de la guerra civil española y la posguerra tuvieron y tienen una vida marcada y definida por este drama. Indagando desde su materialidad, estas imágenes nos hablan, a través de sus costuras, amputaciones, notas, retoques y escondites, de las prácticas y los desplazamientos intergeneracionales que hacen posible la transmisión de la memoria traumática. De esta manera, podemos observar cómo la vida social de las fotografías objetiva los procesos del duelo, la gestión femenina de la historia familiar y sus secretos, las estrategias de disimulo en la comunicación con la cárcel o en el exilio, los sentimientos de pertenencia o de esperanza, etc.

Tiago Baptista (IHC – NOVA FCSH e ANIM)

Os arquivos de filmes e a patrimonialização do cinema

Se os primeiros arquivos de filmes apenas foram criados nos anos 1930, o processo de patrimonialização do cinema é ainda mais recente se pensarmos que o marco histórico que foi a publicação pela UNESCO da “Recomendação para a salvaguarda e preservação de imagens em movimento” data apenas de 1980. Esta conferência abordará os pontos-chave do processo de patrimonialização do cinema em Portugal, pensando a relação entre Estado, público, detentores de direitos e o crescente “mercado do património audiovisual”, ao mesmo tempo que argumentará que este processo se caracteriza por um equilíbrio difícil entre, por um lado, uma visão dos arquivos de filmes enquanto “lugares de memória”, ou seja, museus de uma tecnologia

morta; e por outro lado, uma visão destas instituições como “meios de memória”, isto é, ambientes onde o cinema está vivo enquanto forma tecnológica e enquanto prática cultural partilhada.

Rui Bebiano (CES—Universidade de Coimbra)

Memória histórica, trauma e democracia

A memória histórica contém uma densa conotação política, na medida em que dialoga com discursos do poder, escolhas públicas e processos de comunicação que lhes estão vinculados. Instiga também o combate contra a manipulação do passado, o negacionismo histórico e o poder da ignorância, particularmente quando envolve referências de natureza traumática silenciadas ou sobrevalorizadas. Ao mesmo tempo, tem um papel decisivo tanto na vida das democracias quanto na afirmação das ditaduras. Esta intervenção propõe algumas hipóteses interpretativas sobre a dimensão política da memória no complexo de interações entre o passado e o presente.

Atilio Bergamini (Universidade Federal do Ceará)

Genocídio cotidiano: elementos para a construção de um conceito

O Ceará foi o primeiro estado brasileiro a declarar a extinção de seus povos indígenas. Em seguida, já a partir de 1877, delineou-se um processo que levaria à construção de campos de concentração para flagelados da seca em 1915 e 1932. Milhares de pessoas que sofriam com a fome passaram a ser criminalizadas. Tais campos são atualmente pensados, por jovens artistas de todo o estado, como antecessores das prisões e de certos espaços nas periferias contemporâneas. Ao entender a arte e a poesia como formas de resistência ao genocídio cotidiano, isto é, como resistência ao extermínio diariamente reencenado há séculos pelo Estado e pela sociedade brasileira, esses artistas se articulam com movimentos que, em todo o planeta, combatem a devastação de territórios e povos ocasionada pelo avanço do capitalismo. O presente trabalho se propõe, em diálogo com Frantz Fanon, Abdias Nascimento, Daniel Feierstein e Enzo Traverso, a discutir o genocídio cotidiano como conceito possível das reflexões contemporâneas sobre o genocídio, especialmente aquelas voltadas para as artes.

Jorge Freitas Branco (ISCTE-IUL)

Os inertes também falam. Esquecimento e memória em torno dos georrecurso da ilha do Porto Santo

Integrada num dos arquipélagos que integram a regiões ultraperiféricas (RUC) da União Europeia, a ilha do Porto Santo (42 km²) tem sido palco ações políticas no âmbito do património cultural diversas. Constitui objetivo da minha intervenção avaliar as relações que se estabelecem entre agentes de esquecimento e de memória naquela sociedade insular (5100 habitantes), que se traduzem em retóricas de ação relativas à gestão política dos georrecurso. Ensaio a construção dum percurso analítico inspirando-me em textos de G. Bachelard, P. Connerton, B. Latour.

Miguel Cardina (CES—Universidade de Coimbra)

(Des)monumentalizar a luta: heroísmo, tempo e nação

A memória e a evocação das lutas de libertação contra o colonialismo português foram-se construindo, com diferentes modos e conteúdos, como a “legitimidade fundadora” dos novos Estados pós-coloniais. Nesta intervenção, partindo do caso concreto de Cabo Verde e com um olhar mais demorado nas apropriações públicas da figura de Amílcar Cabral, buscarei analisar a monumentalização e desmonumentalização do passado da luta de uma forma diacrónica, alertando para a relação entre tempo, poder e nação na produção e na mudança de paisagens memoriais.

Maria Miguel Cardoso (Museu do Trabalho Michel Giacometti)

Memória, Narrativa e Poder: o papel da memória na construção de narrativas museais - o caso do Museu do Trabalho Michel Giacometti

O Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti é um projecto de recolha de memória oral que usa metodologias de terreno, histórias de vida e entrevistas filmadas; revertendo o cruzamento do conhecimento, da vida e dos indivíduos nas principais actividades da instituição. Intimamente ligadas às colecções de museus municipais, como é o caso do Museu do Trabalho Michel Giacometti e do Arquivo Américo Ribeiro, a recolha e a comunicação destas memórias ajuda-nos a recolocar o foco do património na relação entre o homem e o objecto, aproximando-se das comunidades, valorizando-se mutuamente. Neste caminho relacional, que já vai longo, o museu enquanto instituição sofreu, na renovação do seu projecto museográfico, influência directa das actividades de recolha oral que vem praticando. Como resultado, nas exposições permanentes, guiam-nos também a oralidade, e a subjectividade, inerente às experiências individuais recolhidas no Centro de Memórias; adoptando assim narrativas duplas, expondo o belo e o feio, entre o conhecimento produzido e o vivido.

Heriberto Cairo Carou (Universidade Complutense de Madrid)

“Las Hermanitas Malvinas”: Identidad, Geopolítica y Cultura Popular en Argentina

El mapa de Malvinas está en todas partes en Argentina en forma de monumentos, carteles, grafitis callejeras ... Estas representaciones visuales han sido estudiadas convenientemente, pero hay otros recuerdos en los medios a los que se les ha prestado menos atención. Hoy en día no hay duda sobre la importancia de los medios en la difusión de los problemas de la geopolítica. Se ha realizado un gran esfuerzo para exponer los medios como un vehículo para expresar imágenes geopolíticas y como un poderoso transmisor de identidades geopolíticas. El nacimiento y el auge de la novela, como género literario, se ha relacionado con el desarrollo de los imaginarios nacionales, y con su forma de organización político-territorial, el estado. Existe un consenso general acerca de que la novela es portadora de identidades nacionales. Sin embargo, otro elemento de la cultura popular, la música popular, no ha recibido suficiente atención desde una perspectiva crítica de la geopolítica. Y sin embargo, el hecho es que la música a menudo se ha utilizado para expresar la resistencia popular o el apoyo del gobierno. Esta ponencia, después de repasar las representaciones visuales más convencionales de la memoria, examina el papel de la música popular y la novela en la demanda de las Islas Malvinas por parte de Argentina. Las formas de representar a las Malvinas y los "derechos históricos argentinos" en

las canciones y novelas populares argentinas se analizan en relación con los eventos políticos que rodean las reclamaciones de las islas.

Tânia Casimiro (IHC – NOVA FCSH)

Materialidades, identidades e desigualdades sociais: uma perspectiva arqueológica (1755-1830)

O período entre o pós-terramoto e o lento arrancar da industrialização, época de grandes movimentos políticos, militares e sociais europeus, a génese da Idade Contemporânea é, por norma, negligenciado na Arqueologia Portuguesa. O presente trabalho, focando-se nas evidências arqueológicas identificadas em Lisboa e nas suas áreas suburbanas, pretende abordar essa época através das suas materialidades quotidianas, os objectos que reflectem o dia a dia destas comunidades. Através deles é possível compreender as identidades de alguns grupos e as desigualdades sociais entre eles.

Rui Gomes Coelho (Rutgers University; Joukowsky Institute for Archaeology and the Ancient World, Brown University; UNIARQ—Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Intimidades imperiais na Lisboa contemporânea

A queda dos impérios europeus no decurso do século XX desencadeou importantes fluxos migratórios entre espaços colonizados e destes para as velhas metrópoles. No caso português, a experiência destas migrações foi particularmente traumática para os agentes coloniais, que levaram com eles objetos, memórias e uma determinada sensibilidade luso-tropical. As consequências sociais e políticas do luso-tropicalismo, nas suas versões europeia e “retornada”, estão ainda em formação nas antigas sociedades colonizadoras. Nesta apresentação farei uma leitura crítica da materialização das sensibilidades luso-tropicais, do império tardio e da descolonização na paisagem urbana de Lisboa. Argumentarei que cafés, restaurantes e pastelarias associados à experiência colonial ou frequentados por “retornados” não são apenas lugares de memória. Eles são, sobretudo, lugares em que o império se torna íntimo através da ingestão de comidas e bebidas e das sociabilidades que elas veiculam.

José Manuel Lopes Cordeiro

O Arquivo da Administração da Região Hidrográfica do Norte: um património a conhecer e a valorizar

Dando continuidade ao Projeto ArchivAve a coleção de documentos do Arquivo Histórico da Administração da Região Hidrográfica do Norte (ARH do Norte) /Agência Portuguesa do Ambiente (APA) está atualmente depositada na Casa de Sarmento, em Guimarães, e sendo progressivamente disponibilizada na Internet. Com este projeto, pretendemos dar conhecimento da riqueza e da enorme variedade de aproveitamentos hidráulicos que ao longo dos anos se estabeleceram na Bacia do Ave, para além de disponibilizar, à comunidade científica e à sociedade em geral, um património documental de enorme valor e importância.

Felipe Criado e Rafael Millán (INCIPIT – CSIC)

Arqueologia, Cognição, Memória

Os estudos mais avançados em ciências cognitivas indicam que a percepção que os seres humanos têm do mundo é construída tanto a partir de processos cognitivos quanto de estímulos perceptivos. Nesta comunicação, veremos como isso atribui uma função especial à memória nos processos cognitivo-perceptuais, uma vez que é a partir da experiência adquirida nos processos cognitivos à medida que o cérebro reconstrói a informação relevante. Isso abre uma linha muito produtiva de colaboração de arqueologia e ciências históricas em tópicos que são geralmente ligados quase exclusivamente às neurociências e ciências cognitivas. A materialidade é mostrada como um agente efetivo no processo de percepção, condicionando o olhar e abrindo caminho para a historicidade da percepção. Vamos tentar examinar essa relação com evidências experimentais e uma série de propostas que nos permitam investigar, em particular, uma possível arqueologia da percepção visual.

Ana Estévez (Museo do Pobo Galego)

Café da memória no Museo do Pobo Galego

O Museu do Povo Galego abre suas portas em 1977 em pleno auge dos princípios da Nova Museologia, mas o projeto é herdeiro da tradição das etnografias nacionais do XIX e do trabalho etnográfico realizado pelo Seminário de Estudos Galegos no início do século XX. Logo se torna uma instituição central no contexto sociocultural da Galiza, sendo modelo e até mesmo cabeça de boa parte do sistema museal galego nas décadas de 80 e de 90. No entanto, as novas orientações na História, na Antropologia, e na mesma Museologia, assim como as mudanças sociais, põem de relevo alguns aspectos da exposição permanente que transmitem uma visão idealizada e estática da cultura representada. Porém, o patrimônio etno-antropológico é constituído por elementos que são valorizados e transmitidos num processo social dinâmico. Isto significa que, embora o Museu do Povo seja um lugar de memória, tem de ser também um lugar para dialogar com o presente e com os discursos atuais sobre o patrimônio etnográfico, a tradição ou o popular. O Projeto Educativo do Museu pretende mediar para facilitar esse diálogo e contribuir para a compreensão desse universo sociocultural em que nos inserimos. Para isso, programa propostas com uma abordagem interdisciplinar que incorporem a dimensão histórica, política e social dos processos patrimoniais etnoantropológicos. Ao mesmo tempo, utiliza uma metodologia participativa que busca o envolvimento da comunidade na gestão dos recursos culturais, gerando um maior senso de propriedade coletiva e facilitando a sustentabilidade a longo prazo da própria organização. Uma destas propostas é o Café da Memória. O Café da Memória é um programa que começou em 2008 em busca da reconstrução da história recente através de testemunhos orais. Todos os anos, o DEAC (Departamento de Educação e Ação Cultural) do Museu escolhe um tópico sobre o qual trabalhar e busca informantes para entrevistar. Essas pessoas são muitas vezes idosas, um coletivo que dificilmente participou da vida do Museu, além de uma visita específica organizada por uma associação ou pelas câmaras municipais. Através deste programa, o grupo torna-se protagonista e simultaneamente, ativo na construção da história do Museu a partir do seu papel de portadores e portadoras de um patrimônio e uma memória, em grande parte operativa. A proposta compõe-se de uma parte de documentação, o trabalho de campo e a organização do evento informativo que termina cada edição. Este ato é o que visibiliza os e as informantes numa conversa aberta ao público, que protagonizam algumas das pessoas que prestaram testemunho durante a fase de entrevistas. Acharmos indicado observar que o Café da Memória sempre teve uma perspectiva de gênero, entendendo que, dentro das informações recolhidas, era interessante reconhecer as relações

entre homens e mulheres e como elas estão atravessando e articulando o restante das relações sociais. Também na recuperação da voz calada das pessoas idosas, procurar a recuperação da mais silenciada de todas: a das mulheres. Em dez anos de programa, recolhemos a memória de festas como o Entrudo, ofícios como costureiras ou fenômenos como a maternidade, entre outros.

Luís Farinha (IHC – NOVA FCSH e Museu do Aljube)

Museu do Aljube Resistência e Liberdade: Construção de um lugar de memória democrática

As nossas sociedades convivem diariamente com uma memória estetizante do património e com uma cultura desculpabilizadora do passado que tendem a relativizar os erros políticos cometidos e a aceitá-los como desígnio de um caminho único e inexorável – nas praças públicas comemoramos e honramos os heróis da guerra como fatores do destino nacional. Nesta perspectiva, os acontecimentos, mesmo os mais negros, são apresentados como «filhos do tempo» e devem ser aceites assim, como se não tivessem sido possíveis outros caminhos no passado e não possam conceber-se caminhos alternativos hoje e no futuro. Reinterpretar a complexidade do passado – sem receio do confronto de opiniões divergentes e antagónicas –, é parte indispensável de uma atitude cívica e de um combate intelectual inseparáveis da construção de uma sociedade democrática, baseada na livre discussão, no livre arbítrio e na contratualização possível dos antagonismos. Construir (e reconstruir) diariamente um Museu de Memória da Ditadura é contribuir para a produção de uma inteligência histórica que traga à liça o passado-presente do fascismo português, iluminando os seus mecanismos de construção/perpetuação e equipando a sociedade no seu todo com uma cultura de verdade que permita o reconhecimento desse passado horrendo e silenciado e, simultaneamente, aponte a necessidade de um compromisso individual e coletivo de mudança, na senda de um mundo novo, construído sob a égide dos direitos humanos e universais. Construir e manter vivo um lugar de memória democrática é, pois, contrapor ao passado viciado pela violência política e pelo poder das minorias dominantes um futuro utópico de convivência pacífica, de inclusão dos excluídos e de debate democrático sobre as decisões que competem a todos os cidadãos e a todas cidadãs do país e do mundo.

Paula Godinho (IHC – NOVA FCSH)

Real, imaginado e horror: a anemia da razão crítica e a força da memória colectiva

Nesta comunicação pretendo reflectir sobre a relação entre a antropologia, a história e a literatura e o seu papel na leitura dos processos sociais, a partir de uma abordagem de *El Palacio de la Risa* (2014), de Germán Marín, com recurso aos elementos de terreno de uma visita a um dos locais de detenção clandestina, tortura e extermínio da ditadura chilena (1973-1990), e do cinema documental de Patricio Guzmán, Carmen Castillo e Pablo Salas. Através da sugestão conceptual de Daniel Bensaïd, exploro nesta comunicação os limites da forclusão dos horizontes da expectativa, atribuível à supressão da ligação ao espaço da experiência, que conduz a uma anemia da razão crítica. Entre a ficção e o real, interrogo o encadeamento do imaginado, do imaginário e da realidade, e exploro a relação com os passados dolorosos, com o papel continuado do medo, bem como a sua superação, através dos mecanismos poderosos da memória colectiva.

Adelaide Gonçalves (Universidade Federal do Ceará)

Sementes de Memória e Resistência: Mulheres camponesas e soberania alimentar

Neste assombroso quadro de regressão social no Brasil pretendemos aqui observar os processos de resistência ativa das mulheres na luta camponesa, atentando às questões atinentes ao direito à alimentação saudável e seu corolário: o intransigente combate à fome no Brasil e no mundo. Por entre os fios da história do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra -MST, no Brasil e da Via Campesina Internacional queremos destacar sua abordagem qualitativa acerca da luta pelo cultivo da comida saudável nos Assentamentos e Acampamentos da Reforma Agrária Popular e por Soberania Alimentar. Obras de relevo como *Seeing Like a State* (1999) de James Scott aportam significativas reflexões sobre o aumento exponencial de patentes de sementes e plantas, inclusive com a contaminação de solos e alimentos. Scott assim aborda a grave questão em curso nos tribunais americanos desde a década de 1970, constituindo "uma espécie de cercamento dos bens comuns, um cercamento da riqueza botânica e ecológica do mundo", o que implica em perceber que "a história da propriedade é a expansão imperial da propriedade" para lugares e processos sociais. Para nosso autor, "esta parece ser a última fronteira das relações de propriedade", alvo das "ambições monopolistas da propriedade privada" (Scott, 2013, p. 135). Nosso tempo, atravessado por um processo intenso de fusões e aquisições entre os grandes grupos transnacionais produtores de sementes, agroquímicos e alimentos, empresas biotecnológicas, grandes cadeias internacionais de supermercados; exige cada vez que voltemos nossas pesquisas e nossos estudos de modo a tecer solidariedades no plano do conhecimento com os sujeitos sociais que se recusam a viver sem história. Neste sentido, é largo o repertório de mútuo aprendizado e de trocas no plano prático e teórico-conceitual quanto aos termos da Soberania Alimentar, como ética e visão de mundo. Tal caminho, pode nos ajudar a ler o debate sobre as chaves feministas da soberania alimentar, compreendendo as mulheres camponesas enquanto protagonistas dos sistemas agroalimentares locais e territoriais; seu conhecimento sobre o tempo da semente e o tempo da colheita, sua qualidade na guarda das sementes da Memória.

Anouk Guiné (Université Havre)

Metodología y producción de conocimiento en contexto de posconflicto. El caso peruano

Trabajar sobre la memoria de las luchas sociales de los años 1960 a 1990, y de hombres y mujeres que las integraron, en un país que vivió un conflicto bajo la forma de guerra asimétrica entre un partido maoísta y el Estado, sabiendo que éste último venció militarmente al movimiento insurgente, significa para el investigador (a 39 años del inicio de esta guerra y a 27 años de su final) un desafío metodológico, teórico y epistemológico. El estudio de caso será aquí el conflicto armado en el Perú (1980-1992) tratado desde la sociología y la filosofía política. Definida la metodología como "el conjunto de operaciones que permiten ligar las teorías con la evidencia" (Cortéz, 2015), y no la construcción de teorías a partir de indicadores, veremos los problemas metodológicos del investigador desde su dimensión biográfica, social y política, las dificultades encontradas con fuentes orales y archivos, así como los riesgos incurridos por el investigador en el actual contexto peruano de persecución política y control de la producción de conocimientos por la academia hegemónica y entidades del Estado.

Márcia Hattóri (INCIPIT)

Patrimônio como desvio dos processos de reparação da violência de Estado e patrimônio como contestação territorial quilombola

O patrimônio tem sido visto como relevante narrativa social para uma visão do futuro: um traço do passado, visto através dos olhos do presente, e que pode facilitar e sustentar um imaginário melhor do que ainda está por vir. Em momentos de conflito, descontinuidade e incerteza, o chamado patrimônio negativo e indesejado emerge como importantes narrativas contra o silenciamento nos processos de transição e pós-conflito (Meskell 2002). Nesta comunicação, analiso as noções de patrimônio negativo - elaborado em um contexto anglo-saxão, e proponho uma perspectiva latino-americana em relação aos imaginários de patrimônio e seus uso, seja como desvio dos processos de justiça transicional ou como espaço de contestação e luta em contextos de conflitos territoriais, a partir do patrimônio arqueológico quilombola e a criação de memoriais pós-ditadura.

Suene Honorato (Universidade Federal do Ceará)

O cânone romântico brasileiro: exclusão das lutas indígenas e suas implicações para o presente

José de Alencar e Gonçalves Dias, os dois autores mais conhecidos do romantismo brasileiro, construíram obras literárias em que o indígena figura como parte do passado. Já nas obras de autores como Gonçalves de Magalhães, Lourenço Amazonas e Couto de Magalhães, hoje pouco lembradas, pode-se encontrar um indígena que disputa o território com o colonizador. A análise dessas obras em conjunto permite discutir em que medida a produção do reconhecimento de autores tem implicações nos modos de se pensar o presente.

Silvestre Lacerda (ANTT)

Os arquivos e as memórias individuais e das organizações: descrição, preservação e disponibilização on-line

Os documentos de arquivo como evidências e registos de prova da existência de atividades individuais e organizacionais; os processos técnicos de descrição arquivística associados à sua representação - classificação, após processos de avaliação, seleção e eliminação; as diferentes formas de preservação (conservação e restauro) dos documentos e a sua interferência no acondicionamento e materialidade; a importância da disponibilização on-line na promoção do acesso à informação.

Aitzpea Leizaola (Universidad del País Vasco, UPV-EHU):

Memorias incompletas, patrimonios incómodos. Interrogando los objetos de las exhumaciones de fosas comunes de la guerra civil española

Tras casi dos décadas desde que se inició el movimiento memorialista en el estado español, las memorias de la guerra civil y de la represión de la época franquista siguen siendo objeto de controversia y polémica. Junto con la búsqueda de cuerpos de fusilados y desaparecidos y el trabajo de memoria que lo acompaña, las exhumaciones de fosas comunes han puesto al descubierto la dimensión patrimonial. A partir de ejemplos etnográficos, esta comunicación

aborda las implicaciones que surgen en torno al futuro de los restos encontrados en las exhumaciones, su consideración -o no- como patrimonio y los debates que la gestión de las memorias de la guerra civil y la represión franquista suscitan hoy en día en el estado español.

Manuel Loff (IHC – NOVA FCSH e Universidade do Porto)

“A maior catástrofe da história portuguesa”: “retornados” e descolonização no discurso público português

As narrativas hegemónicas que circulam no interior da memória coletiva portuguesa incorporaram as componentes essenciais das narrativas de memória do retorno (e dos excombatentes da Guerra Colonial), prova acrescida da integração efetiva dos retornados na sociedade pós-autoritária. A memória lusotropical (negação do racismo e da natureza colonial da experiência dos colonos portugueses), incorpora uma versão classe média empreendedora /pioneira do projeto colonizador/civilizador, que pressupõe a falta de responsabilidade no conflito e na sua prossecução e sintoniza com uma narrativa mais geral da colonização e da emigração portuguesa (especialmente no Brasil, mas não só) e, em última instância, da própria identidade nacional portuguesa. A memória da Guerra Colonial e da ditadura salazarista, e a da Revolução e da descolonização, aparece-nos, assim, filtrada em grande medida pela narrativa da catástrofe: discursos que podem incluir uma condenação geral da ditadura e o aplauso da democracia incluem uma condenação muito explícita da Revolução como processo desajustado de democratização, responsável, entre outros erros, por uma descolonização catastrófica. Estes discursos são totalmente lusocêntricos: os africanos neles emergem como atores passivos da bondade do modelo português e de uma violência induzida (ou inata) assumida no processo de transição para as independências (1974-75).

María Lois (Universidad Complutense de Madrid)

'He Maori ahau': patrimonialización, museos y contextos postcoloniales

"La aproximación a los usos políticos del patrimonio en contextos poscoloniales se ha convertido en un ejercicio interesante para contextualizar las relaciones de poder implicadas en las prácticas de visibilización de la multiplicidad de sujetos colectivos en un mismo escenario estatal. En el caso de Nueva Zelanda, el compromiso oficial con las formas de representación del sujeto colectivo maorí implica una revisión de las formas de identificación no sólo de esos sujetos, si no de la conformación de lugares de enunciación diversos respecto a las representaciones de la estatalidad. El proceso de negociación en torno a estas prácticas de representación implica no sólo varias escalas espaciales, sino también tiempos históricos heterogéneos. El propósito de esta comunicación sería acercarnos a ese proceso desde los Estudios Críticos de Patrimonio en el ámbito de las instituciones culturales, en este caso, en los principales museos del país. Desde este punto de partida, nos interesa debatir sobre los horizontes de descolonización de los museos, desde el recurso a las metodologías visuales como perspectiva de interpretación de la compleja patrimonialización cotidiana de los lugares y las memorias colectivas en contextos poscoloniales".

João Carlos Louçã (IHC – NOVA FCSH)

A memória como artefacto para amanhã

O trabalho de terreno com os pés assentes no presente etnográfico que interroga invariavelmente o passado e os seus usos para vislumbrar o futuro, comporta com frequência momentos de espanto. Na antropologia que olha o tempo que está para vir como um caleidoscópio de possibilidades em aberto, essas ocasiões sugerem conexões entre mundos que se cruzam, que por vezes divergem e podem voltar a encontrar-se, traçando sempre caminhos inesperados para a investigação projetada. Em comunidades que procuram na complexidade do presente a simplicidade de formas de vida desejadas, que concretizam utopias nas formas de produzir, trocar, educar ou decidir entre si, que transformam precariedade em possibilidade continuada, alguns desses momentos emergiram com estrondo. Nos Pirinéus do Alto Aragoão vivem pessoas que desde os anos 70 do século passado influenciaram decisivamente o movimento anti militarista em Portugal no final da década de 80. Este movimento contestou o serviço militar obrigatório, a pertença à Nato e a lógica da guerra fria que espalhava mísseis pela Europa num braço de ferro que ninguém podia ganhar, envolveu uma geração urbana que da revolução de 1974 vivia o tempo de normalização e do discurso que repudiava os “excessos da revolução”. Para os jovens em torno do movimento português, o exemplo espanhol da insubmissão ao serviço militar, da objeção de consciência que fez milhares de prisões no Estado vizinho mobilizando amplos setores, foi inspiração e cumplicidade, motor de arranque e argumento. Mais de trinta anos depois, estes encontros fazem das memórias de quem investiga material fundamental para acompanhar aquilo que se procura entender no tempo longo de uma vida ou no de movimentos sociais que ganham outras causas. A melancolia que Enzo Traverso (2019) aponta como característica para a esquerda do século XXI por não ter novas esperanças coletivas no horizonte, poderá estar a ser contrariada nos exemplos de lutas que se inscrevem na história dos territórios e que constituem exemplos, se não das grandes utopias, pelo menos das pequenas alegrias (Augé 2019) que anunciam a possibilidade da superação do capitalismo.

Ângela Luzia (Câmara Municipal de Almada)

Estratigrafias: a função da memória em cenários de ruína industrial.

A desindustrialização e deslocalização de empresas no final do século XX deixaram ao abandono largas frentes ribeirinhas de Almada, enquanto a própria identidade operária se desvanece num concelho atualmente de serviços. As expectativas de reconversão urbanística tendem a olhar estes territórios como vazios, procurando lógicas de atratividade imobiliária à escala da Grande Lisboa. Pretende-se uma reflexão sobre os desafios em torno dos usos da memória como fator de mobilização cívica e reconstrução identitária numa nova realidade urbana.

Pedro Martins (IHC – NOVA FCSH):

Os usos da Idade Média: a dicotomia História-Memória à luz do medievalismo português (c.1840-1940)

A dicotomia História-Memória, tal como formulada por autores como Maurice Halbwachs, foi essencial para a emergência dos chamados “estudos sobre medievalismo” na década de 70 do século XX. Sem a distinção entre os dois conceitos, seria impossível compreender como a Idade Média se tornou o foco central de um amplo campo do conhecimento, das artes e da cultura a partir de finais do século XVIII. No entanto, o desenvolvimento dos estudos sobre o

medievalismo tem levantado também uma série de questões que, em grande medida, problematizam a aceitação desta dicotomia. Como relacionar a história com a memória de um tempo supostamente desaparecido há vários séculos atrás? A partir de que momento histórico é possível verificarmos a decomposição de uma memória social da Idade Média? Qual a relação e as diferenças entre a historiografia sobre a época medieval e subprodutos do medievalismo como as comemorações históricas e as intervenções patrimoniais? Qual o papel dos historiadores na formação de uma “memória coletiva” sobre a Idade Média? Partindo de algumas reflexões desenvolvidas no seminário “Usos do Passado, Memória e Património Cultural”, nesta comunicação procuraremos questionar os limites da dicotomia História-Memória tendo como base a historiografia sobre a Idade Média e diversas políticas de memória desenvolvidas em torno deste período histórico em Portugal entre o século XIX e a primeira metade do século XX.

Cristina Nogueira (IHC – NOVA FCSH)

Uma comunidade que lembra: as comemorações do 85 aniversário do 18 de janeiro na Marinha Grande

Passados 85 anos da greve geral de 18 de janeiro de 1934 muitas dezenas de pessoas concentram-se junto ao cemitério na Marinha Grande. Entre estes um vidreiro, com a indumentária, a bicicleta, a cesta do almoço e o frasco do vidreiro como se usava naquele dia, 85 anos atrás. Dentro do cemitério os dirigentes do sindicato lêem uma lista e indicam a quem os acompanha os nomes de todos aqueles que ali estão sepultados e que participaram na ação insurreccional. Em todas as campas são colocadas flores. Cravos vermelhos! Como pode um acontecimento destes ser, passado tanto tempo, objeto de recordação de uma comunidade e de que forma é que esta memória coletiva se tornou um emblema desta comunidade é o pretendemos equacionar.

Brian Juan O’Neill (CRIA – ISCTE-IUL)

A Relic People? Luso-typicalism in 18th Century Marriages

The marriage registers in St. Peter’s Church in Malacca (1768-1800), toward the end of Dutch dominion in that pre-multicultural city, reveal a rainbow of names pertaining to fiancées who were apparently Portuguese, Dutch, German, Macanese, Philippine, or (ambiguously) *europianos*, but also British, Anglo-Indian, French, and Batavian. Lusotypical surnames – such as Monteiro, Pereira, or Zacarias – abound in the documents, but do not overshadow those from other regions, such as Abrahaam, Estevat, or Suriano. Vicars – from Goa at the time – systematically lusitanized the names of brides, grooms, and their respective parents (if known, and if named). Ethnic belonging paled alongside much stronger religious borders. Can we determine the provenance of one João Hendrek Ming? Names seem to be at best quite slippery clues. The surviving Creole population of Portuguese Eurasians were portrayed as the direct heirs of the earlier ex-colonial presence of Portugal. But to point the spotlight on these purported descendants of European men, people from other ethno-linguistic origins had to be rendered less visible, so as to freeze the Lusitanians in both time and space. This set the scene for their transformation in the 1950s – under the influence of the hyper-colonial *Estado Novo* – into genuinely lusotypical *relics* of the first Portuguese Empire. A curious example of whitewashing is scrutinized, during the decade 1829-1839, in which two sets of marriage registers – an original and a copy – were archived. When compared, numerous references to non-Christians (or more precisely, non-‘Westerners’) listed in the original as *infieis, gentios*,

malayos, or chinas were amputated from the copy. To whose patrimony did these retouched registers pertain at all – the newlyweds, the vicars, the congregation, the local church, the diocese, the Archdiocese, historians? We analyze some of these imperializing strategies aimed at homogenizing a quintessentially pluri-religious and polyethnic society. Whitewashing names can tend to hide ethnic or religious provenance or even black out heritage. Priests did this subtly in the 1700s and 1800s, and less subtly in the post-multicultural mid-1900s. The local panorama was so kaleidoscopic that the meaning of ‘Portuguese’ seems to have served simply as putty. How can we even begin to define ‘patrimony’ within this authentic melting-pot resembling an ethnic *cozido à portuguesa*?

Josu Santamarina Otaola (Universidad del Pais Basco)

Usos do Passado num contexto de post-conflito: violencia política, materialidade, memoria e patrimonio em Euskal Herria.

Depois de décadas de conflito político armado aberto no território, o País Basco continua a ser um espaço de conflito, embora, após o silêncio das armas, se desenvolva em termos simbólicos. Nas duas últimas décadas, o patrimônio da Guerra Civil e da Ditadura de Franco está recebendo atenção, não só de associações e indivíduos, mas também da Administração Pública. O contexto aparente atual de "pós-conflito" nos chama a lutar entre diferentes agentes pelo controle na produção e reprodução de histórias sobre um passado recente marcado por violência de vários tipos. Nesse contexto, diferentes elementos patrimoniais, como entidades que requerem processos de comunicação e negociação, constituem um renovado campo de batalha política. Assim, vamos ecoar a luta entre diferentes setores políticos do País Basco através de suas materializações em espaços patrimoniais como campos de batalha e lugares repressivos da Guerra Civil e da Ditadura ou espaços de luta no passado mais recente.

Shawn Parkhurst (University of Louisville)

(Re)Making the Commons of a Duriense village: Remembering Space and Spacing Memory

How do local villages make regional space what it is? The question has guided my work in the Alto Douro for decades. I have learned that local village spaces are prerequisites for regional spaces. Yet, while the local spaces can seem obvious, they are full of tricky reflections. “Reflection” here means both passive illusion and, most importantly, active memory. The memory is prompted, and channeled, by real spaces. This paper offers a few examples of how.

Ema Pires (IHC – Universidade de Évora)

Sobre muros de xisto, javalis e árvores: modos possíveis de habitar numa aldeia do interior de Portugal.

Depois dos incêndios de 2003, vastos territórios rurais do distrito de Castelo Branco acentuaram o processo de despovoamento humano. Partindo de etnografia em curso, esta comunicação discute como o passado é usado para desvendar modos possíveis de habitar os territórios despovoados depois dos incêndios que assolaram o interior de Portugal.

Covadonga López de Prado (Museo Massó de Pontevedra)

O enfoque de xénero nas museografías. A necesidade de implantar un enfoque feminista

A partir da pregunta ¿realmente as mulleres nos sentimos representadas nos discursos museísticos? analizo diversas museografías representativas do panorama actual. Nelas atopámonos cuns discursos nos que o análise patriarcal proxecta unha imaxe antropocéntrica sen base científica, cunha ausencia de referencias as mulleres e a súa realidade. Son discursos que reafirman a condición de invisibilidade das mulleres e perpetúan estereotipos femininos acordes co imaxinario masculino actual.

Todo o cal nos leva a conclusión de que precisamos integrar de forma inmediata a perspectiva de xénero feminista de forma integral, transversal e permanente e mostrar discursos inclusivos, igualitarios e críticos.

Lourenzo Fernández Prieto (USC)

O relato dun pasado que non existe máis. Historia e musealización.

Como contamos o pasado? Como indagamos o pasado dende a historiografía? Como se traduce o pasado dende a museología? Que patrimonializamos? Quen manda no pasado colectivo? O caso da Historia da Galiza serve para reflexionalo. Unha nación sen estado situada no centro do Atlántico, pouco invadida pero moi estendida polo munso. Hoxe ten un pasado musealizado de castros, igrexas e atraso fronte a unha historiografía de emigración, labregas e mundo do mar.

Francisco Régis Lopes Ramos (Universidade Federal do Ceará)

O Museu Histórico Nacional e a divulgação da história do Brasil (cultura material e escrita da história)

Criado em 1922, o Museu Histórico Nacional é, atualmente, um dos maiores museus do Brasil. Suas exposições já passaram por várias transformações a partir de diferentes propostas vinculadas a determinados usos políticos do passado. Com base em reflexões sobre a construção de tramas de poder entre passado, presente e futuro, o objetivo da pesquisa é estudar como esses usos se relacionam com livros de divulgação de História do Brasil.

Mariana Rei (IHC – NOVA FCSH)

Das capitais do têxtil às capitais da cultura: notas sobre uma pesquisa em curso no contexto de Guimarães – Lille

Guimarães e Lille, Capitais Europeias da Cultura em 2004 e 2012, são duas cidades no coração de duas importantes regiões fortemente marcadas pelo desenvolvimento da indústria têxtil. Embora se tratem de dois contextos diferentes, com particularidades próprias no que concerne aos seus processos de (des)industrialização, urbanização e patrimonialização, estes encontram-se interligados por processos de mobilidade. Durante as décadas de 1960 e 70, no quadro da grande vaga de emigração portuguesa em direção a França, várias famílias oriundas de freguesias envolventes à antiga Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, em Campelos, emigram em direção a Roubaix e Tourcoing, encontrando trabalho nas fábricas têxteis da região.

Refletindo este movimento, em 1996 é assinada uma Carta de Amizade entre Guimarães e Tourcoing. Contudo, se em Campelos o espaço da antiga Companhia continua a ser ocupado por uma outra fábrica ligada a uma antiga família têxtil da região, e o trabalho parece continuar a constituir-se como o centro da vida destas famílias; já em Roubaix e Tourcoing, onde o processo de (des)industrialização foi anterior, o forte desemprego, as múltiplas vagas de imigração que marcaram longamente a história industrial da região, e os processos de demolição e reconversão urbana de antigos espaços industriais, bem como da habitação popular e operária, marcam desde a década de 1980 a paisagem, vivências e políticas a nível local. De que forma a atenção às trajetórias profissionais e migratórias destes operários-migrantes nos poderá ajudar a compreender estas duas regiões têxteis? A comunicação assenta nalgumas reflexões exploratórias sobre uma pesquisa de doutoramento em curso, centrada no estudo das memórias do trabalho e das migrações na industrial têxtil a partir deste contexto.

Raúl H. Contreras Román (UNAM)

Evocar el porvenir. Apuntes para el estudio etnográfico de futuros pasados

El espacio y el tiempo de la etnografía, entendido como el aquí y el ahora, limita el estudio antropológico de los horizontes temporales, especialmente cuando se trata de indagar en las múltiples maneras en que los futuros imaginados y anticipados impactan en la configuración del presente y de los pasados que le configuran. En esta comunicación propongo la necesidad de ampliar temporalmente el ahora de la etnografía tanto al tiempo pretérito como al porvenir, otorgándoles igualdad ontológica en la composición del ahora de la etnografía. Ello implica considerar los futuros del pasado y los pasados del futuro, como iteraciones constitutivas del presente etnográfico.

Maria de Lurdes Rosa (IEM – NOVA FCSH)

O multiverso arquivístico, para arquivistas e historiadores

Breve apresentação do autodenominado “multiverso arquivístico”, um campo disciplinar, técnico e de ativismo cívico nascido das transformações operadas nas últimas décadas na arquivística/ «archival science»; apreciação da forma como ele altera profundamente a relação dos cientistas sociais com o arquivo.

Fernando Rosas (IHC – NOVA FCSH)

Portugal século XX: o “colonialismo popular”

Pretende-se analisar a origem e persistência do “colonialismo popular” nos diversos regimes políticos do Portugal do século XX, designadamente no Estado Novo, dando lugar àquilo a que tenho chamado “anticolonialismo tardio” do antifascismo português. Essa pesada realidade estrutural na economia, nas expectativas sociais e nas representações ideológicas ajudará a entender porque é que o colapso da guerra colonial e a Revolução 1974/75, apesar do seu profundo impacto na sociedade portuguesa, estiveram longe de erradicar essa cultura colonialista pesada, sempre persistente ao nível da reconstrução das memórias, das representações sociais do passado e até dos discursos políticos do presente. Provavelmente renovada e radicalizada nesta época de novos populismos de extrema-direita. De tal forma que

as condições de hoje a colocam finamente no centro de debate de ideias sobre o presente e o futuro das nossas sociedades.

Maria Alice Samara (IHC – NOVA FCSH)

Metamorfozes do espaço: de prisão a museu

Em 2017, o Conselho de Ministros determinou, pela Resolução 73/2017, a criação de um “museu nacional na Fortaleza de Peniche, enquanto espaço-memória e símbolo maior da luta pela democracia e pela liberdade”. Partindo do caso da transformação da antiga prisão em Museu Nacional da Resistência e Liberdade, esta comunicação discutirá a importância do espaço na preservação e reconstrução da memória.

Maria da Luz Sampaio (IHC – NOVA FCSH)

Caminhos da salvaguarda e difusão das coleções técnico-industriais

Todos os acervos representam uma memória coletiva, composta de conhecimentos e capacidades artísticas e técnicas, mas estão ao serviço das políticas nacionais e das visões de como deve ser construído o conhecimento científico (Köptcke, 2004) (D. Poulot, 2004). As coleções dos museus dedicados ao património técnico e industrial são o produto de doações, escavações e levantamentos arqueológicos e, também de objetos ou acervos pessoais oferecidos pela população. Mais recentemente tem sido promovidos programas de salvaguarda do património científico e tecnológico, fomentando novos processos e práticas na constituição de coleções (Cuenca 2017). Enquadrado pelo debate em torno das novas definições de museu que pretendem refletir os desafios e as suas múltiplas visões e responsabilidades (ICOM; 2019) mas também pelas noções de património industrial com a Carta de Niznil Tagil de 2003, desejamos interrogámo-nos sobre as políticas (ou a sua ausência) na salvaguarda de objetos técnico-industriais e responder à questão: qual a história do século XX que queremos preservar no século XXI? Esta é uma reflexão sobre os caminhos dos museus no novo milénio tendo em consideração que a cultura material pode ser utilizada para romper com estereótipos e marginalizações sociais, favorecendo diversidade cultural e a inclusão e ainda a difusão do conhecimento científico.

Dulce Simões (INET – NOVA FCSH)

O património cultural e a construção de imaginários futuros

No passado os eruditos e etnógrafos autorizados reclamaram a preservação da herança cultural, e as suas narrativas foram legitimadas pelos estados como representações hegemónicas nacionais. Na atualidade as representações culturais preservadas são patrimonializadas e adaptadas ao “mercado das autenticidades”, entraram em circulação e transformaram-se em objetos de culto, como produtos rentáveis das indústrias turísticas e culturais. Nas suas distintas modalidades a “máquina patrimonial” rearticula a esfera social e as suas ontologias, descartando as pessoas socialmente subalternizados pelas economias políticas, que reproduzem as suas práticas em redes de relações a-patrimoniais. O objectivo desta comunicação é debater o campo cultural como um ativo campo de agenciamento social alternativo e contra-hegemónico, através

do reconhecimento dos processos de participação coletiva e dos modelos de socialização das práticas.

Xurxo M. Ayán Vila (IHC – NOVA FCSH) e Xosé Gago García-Brabo (Câmara Municipal de A Pobra do Brollón)

Adegas da Memória: a construção da memória nas comunidades camponesas da Ribeira Sacra.

Adegas da Memória é um projecto de Arqueologia em comunidade desenvolvido em colaboração com a associação de vizinhos da freguesia de Vilachá e a Câmara Municipal de A Pobra do Brollón (Galiza). Esta iniciativa investiga as origens históricas da paisagem vinícola desta área e os processos vivenciados pela comunidade local ao longo do século XX. Os protagonistas são os próprios vizinhos. Nós projetamos todo um programa de socialização da ciência, com atividades dentro das adegas, nos terraços de cultivo e nos próprios sítios arqueológicos. Nossa proposta de Cultura Científica é refletida na série documental Adegas da Memória, disponível no Vimeo.

Fabienne Wateau (CNRS)

Herança indesejada e memória do meio. Acerca de marcas, matérias e objetos

Para retomar o eixo dos “usos do passado” segundo um ângulo ligeiramente diferente, esta comunicação será dedicada as marcas, matérias e objetos que ficaram na paisagem, como herança indesejada de uma atividade industrial poluente. Trata-se de pensar em termo de memória das paisagens ou ainda de memória do meio, para refletir sobre aqueles artefactos do presente também inscritos nas histórias de vida das pessoas e no futuro dos seus descendentes. De que informações é portador o meio? Como vestígios e pegadas são pensados, reinterpretados, tratados ou até transformados ao nome da diversidade e da sustentabilidade? Que raízes do futuro sobre um passado contaminado estão a ser imaginadas? Esta reflexão inscreve-se no âmbito de uma pesquisa começada há 3 anos no Observatório Homem Meio Estarreja, em colaboração com a Universidade de Aveiro, e financiada pelo Labex Driihm (CNRS-INE) e pelo Labex les Passés dans le Présent (CNRS- Paris Nanterre).

NOTAS CURRICULARES

Gonçalo de Carvalho Amaro

Licenciado em História variante Arqueologia pela Universidade Nova de Lisboa, mestrado em Arqueologia pela mesma universidade e doutor em Arqueologia pela Universidad Autónoma de Madrid. Atualmente faz parte da equipa técnica do Museu de São Roque (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa), professor convidado no Magíster en Patrimonio Cultural de la Pontificia Universidad Católica de Chile, investigador integrado no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e consultor no projeto ICOM EU-LAC da União Europeia "Museums and Community; concepts, experiences and sustainability in Europe, Latin America and the Caribbean". Autor de varios livros e artigos m revistas de vários países sobre arqueologia, património, cultura material e museus, destacando-se os livros *Pessoas, Objetos e Sentimentos. Ensaios e Reflexões sobre la Construção Social do Património*, Edições Colibri, 2015 e *La Trama de los Objetos*, RiL Editores, 2017, em coedição com Joseph Gómez e Olaya Sanfuentes. A sua principal linha de investigação centra-se nos estudos de cultural material, em particular na relação dos objetos com as pessoas através dos museus.

Jorge Moreno Andrés

Es doctor en antropología social y cultural. Cineasta, fotógrafo y director del Certamen Internacional de Cine Documental sobre Migración y Exilio en México (CEME DOC). Miembro del Centro Internacional de Estudios sobre Memoria y Derechos Humanos (CIEMEDH-UNED), del grupo consolidado de Cultura Urbana de la UNED y de la «Red temática de estudios interdisciplinarios sobre vulnerabilidad, construcción social del riesgo y amenazas naturales y biológicas» (Conacyt, México). Ha sido *visual consultant* en Goldsmiths (University of London) con el proyecto europeo «Bosnian Bones Spanish Ghost». Su investigación en antropología audiovisual, violencia y memoria social abarca dos objetos principales: los usos sociales de la fotografía en contextos traumáticos y la utilización del cine y los ensayos fotográficos en la construcción de relatos etnográficos. Como fotógrafo ganó el segundo premio Marqués de Lozolla del concurso nacional sobre fotografía popular por su trabajo *Entre lo urbano y lo rural: la matanza del cerdo* (España, 2006). Como cineasta ganó en el año 2011 el premio al mejor documental del Festival Internacional de Castilla-La Mancha por su trabajo *Vuelo a Shangrila*. En 2015 su documental *What Remains*, dirigido con Lee Douglas, fue seleccionado en el Margaret Mead Film Festival (New York), en el ALBA Human Rights Documentary Film Festival (New York) y en el Ethnografilm Festival (París), entre otros.

Tiago Baptista

Tiago Baptista é diretor do Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, o centro de conservação da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema. É doutorado em Film and Screen Media pela Universidade de Londres (Birkbeck College), investigador integrado do Instituto de História Contemporânea – NOVA FCSH e professor auxiliar da FCH da Universidade Católica Portuguesa.

Rui Bebiano

Rui Bebiano é historiador, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, investigador do Centro de Estudos Sociais e diretor do Centro de Documentação 25 de Abril. Trabalhou nas décadas de 1980-1990 em história política e cultural dos séculos XVII e XVIII, área

na qual fez o doutoramento. A partir daí tem-se dedicado à história das ideias, dos intelectuais e dos movimentos estudantis e radicais desde a Segunda Guerra Mundial até ao presente. Desenvolve também interesses teóricos no campo da história e da memória. Publica ainda textos de crítica literária e de opinião. É autor ou coautor de dezenas de livros e de centenas de artigos.

Atilio Bergamini

Atilio Bergamini é professor de Teoria da Literatura na Universidade Federal do Ceará e professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras, da mesma instituição, onde pesquisa narrativas e testemunhos de crimes contra a humanidade. Também desenvolve pesquisas sobre a obra de Machado de Assis.

Xosé Gago García-Brabo

Licenciatura em História da Arte pela Universidade de Santiago de Compostela. Ele participou de inúmeros projetos arqueológicos na Espanha e no Reino Unido. Em 2012 criou a empresa Coolturing, focada no ramo das indústrias culturais. Foi gerente de projetos da Costa dos Castros (Oia, Pontevedra, Galícia) e atualmente dirige o projeto As Adegas da Memória. É técnico de Cultura e Turismo no município de A Pobra do Brollón (Lugo, Galiza).

Jorge Freitas Branco

Jorge Freitas Branco (Dr. Phil. Universität Mainz, Alemanha) é professor catedrático de antropologia no ISCTE Instituto Universitário de Lisboa e investigador no CRIA-IUL. Lecionou ainda nas universidades de La Laguna, Tenerife (1992) e Complutense de Madrid (2010). Foi professor visitante nas universidades de Leipzig (1996-97), de Marburg (2000) e na Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil (2010). Investigação de terreno em Portugal continental, ilhas atlânticas (Madeira, Porto Santo), Alemanha, Brasil e França, com projetos desenvolvidos e publicações nos seguintes domínios: materialidades, técnica, culturas populares, história das antropologias marginais, museus e coleções, laicismo.

Miguel Cardina

Miguel Cardina é investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É coordenador do projeto de investigação «CROME - Crossed Memories, Politics of Silence. The Colonial-Liberation Wars in Postcolonial Times», financiado pelo European Research Council. É autor ou co-autor de vários livros, capítulos e artigos sobre colonialismo, anticolonialismo e guerra colonial; história das ideologias políticas nas décadas de 1960 e 1970; e dinâmicas entre história e memória.

Maria Miguel Cardoso

Maria Miguel Cardoso exerce a sua actividade profissional no Museu do Trabalho Michel Giacometti. Pós-graduada em Antropologia e Movimentos Sociais e Mestre em Antropologia e Culturas Visuais, pela Universidade Nova de Lisboa, é actualmente doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Heriberto Cairo Carou

Heriberto Cairo Docto es Catedrático de Ciencia Política y de la Administración en la Facultad de Ciencias Políticas y Sociología de la Universidad Complutense de Madrid (UCM), de la que fue Decano entre 2010 y 2018. Ha sido director del Master (oficial) en Estudios Contemporáneos de América Latina y del Programa de Doctorado de Estudios Iberoamericanos: Realidad política y social de la UCM. Ha sido profesor invitado en varias universidades españolas y extranjeras, forma parte del consejo editorial de revistas internacionales como Geopolitics, y es director de la revista editada por la UCM Geopolítica(s): Revista de estudios sobre espacio y poder. Desarrolla sus investigaciones en el campo de la Geografía Política, con especial énfasis en el estudio de la geopolítica de la guerra y la paz, las identidades políticas e ideologías territoriales y las fronteras. De entre sus publicaciones pueden destacarse, como autor y editor, los libros: Las “guerras virtuosas” de George W. Bush (2018); Rayanos y forasteros: Fronterización e identidades en el límite hispano-portugués (2018); Descolonizar la modernidad, descolonizar Europa: un diálogo Europa - América Latina (2010) (con Ramón Grosfoguel); Portugal e Espanha. Entre discursos de centro e práticas de fronteira (2009) (con Paula Godinho y Xerardo Pereiro), Vertientes americanas del pensamiento y el proyecto des-colonial (2008) (ed. con Walter Mignolo); Geopolítica, guerras y resistencias (2006) (con Jaime Pastor Verdú); Democracia digital. Límites y oportunidades (2002), y La construcción social del conflicto territorial argentino-británico: Una aproximación geopolítica crítica (1995). También ha publicado numerosos artículos en diversas publicaciones científicas españolas y de otros países.

Tânia Casimiro

Tânia Manuel Casimiro terminou a licenciatura em Arqueologia em 2004, pela FCSH-UNL e em 2005 em Artefact Studies na University College of London. Tendo terminado o doutoramento em 2011, é actualmente investigadora na FCSH-UNL, integrada no Instituto de História Contemporânea. É arqueóloga e especialista em cultura material Medieval, Moderna e Contemporânea com projectos desenvolvidos em diversas partes do mundo.

Rui Gomes Coelho

Rui Gomes Coelho (Ph.D. Binghamton University, EUA) é Postdoctoral Research Associate no Joukowsky Institute for Archaeology and the Ancient World, Brown University e investigador da UNIARQ—Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Trabalha no cruzamento entre a arqueologia e a antropologia, focando-se na emergência do mundo moderno e no estudo de alternativas à modernidade ocidental e capitalista.

José Manuel Lopes Cordeiro

José Manuel Lopes Cordeiro é licenciado e doutorado em História Contemporânea, exercendo funções docentes no Departamento de História, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. As suas áreas de investigação são o património e arqueologia industrial, assim como a história económica e política contemporânea.

Joana Craveiro

Joana Craveiro é dramaturga, actriz, encenadora e antropóloga. Estudou em vários lugares, mas, mais recentemente, concluiu o seu doutoramento na Roehampton University, em Londres. Fundou o Teatro do Vestido em 2001 e dirige-o desde então. No seu trabalho usa as metodologias da história oral e da antropologia para investigar e criar peças de teatro,

performances e textos vários. É investigadora associada do IHC/Nova e professora adjunta na ESAD.CR. Interessa-lhe tudo o que tem a ver com memória, histórias de vida e a história política portuguesa.

Felipe Criado

Doutor em Arqueologia. Professor de Pesquisa do Conselho Superior de Pesquisas Científicas e diretor do Instituto de Ciências do Patrimônio em Santiago de Compostela. Atualmente é presidente da European Association of Archaeologists. A sua carreira como pré-historiador centra-se no estudo das arquiteturas monumentais da Pré-História da Europa Atlântica a partir da perspectiva da Arqueologia da Paisagem. Sua carreira também destaca seu interesse pela arqueologia teórica e os desafios da gestão do patrimônio cultural no século XXI. Ele publicou em revistas de arqueologia internacional e é o autor de livros de referência sobre a teoria arqueológica, como “Arqueológicas: la razón perdida” (Bellaterra, Barcelona, 2012).

Ana Estévez

Licenciada en Xeografía e Historia na especialidade de Museoloxía e Máster Universitario en Historia Contemporánea. Comezou a súa carreira profesional na museoloxía no campo da educación artística e patrimonial en institucións museísticas, tema sobre o que segue a traballar e investigar. Ten intervindo en distintos proxectos de xestión cultural e investigado sobre educación e museos pero tamén no campo da historia e os estudos de xénero, nomeadamente no que atinxe a reconstrución dos procesos socio-históricos que afectan ás mulleres en Galicia no século XX. No Museo do Pobo Galego coordinou durante nove anos o Proxecto Didáctico Antonio Fraguas e proxectos de acción cultural como *por exemplo Olladas sobre o Museo* e de historia oral das mulleres como o *Café da Memoria*. Actualmente é a responsable da área de Educación e Acción Cultural do Museo do Pobo Galego e, desde 2015 dirixe a MICE-Mostra Internacional de Cinema Etnográfico un espazo de divulgación e de encontro ao redor do cinema e as Ciencias Sociais.

Luís Farinha

Luís Farinha é doutorado em História Política e Institucional do século XX e investigador integrado do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL. Autor de diferentes artigos e livros sobre História Política e Institucional do século XX, tem colaborado com a Assembleia da República na qualidade de coordenador de estudos monográficos sobre Parlamentares da I República e do Regime Democrático, integrados na Coleção Parlamento, tendo também comissariado a exposição “[Morte à Morte! 150 anos da Abolição da Pena de Morte em Portugal / 1867-2017](#)”. Foi entre 2003 e 2007 Diretor-adjunto da Revista História e, em 2010, Comissário da Exposição «Viva a República», integrada nas Comemorações do 1º Centenário da República. É, atualmente, Diretor do Museu do Aljube.

Paula Godinho

Doutorada em Antropologia e mestre em Cultura e Literatura Portuguesas, é professora do Departamento de Antropologia e investigadora do IHC, Nova-FCSH. Publicou: Memórias da Resistência Rural no Sul (Couço, 1958-1962), Celta, 2001; O leito e as margens - Estratégias familiares de renovação e situações liminares no Alto Trás-os-Montes raiano, Colibri, 2006; Festas de Inverno no Nordeste de Portugal - património, mercantilização e aporias da «cultura popular», 100Luz, 2010; «Oír o galo cantar dúas veces» - Identificacións locais, culturas das

marxes e construción de nacións na fronteira entre Portugal e Galicia, Imprenta Deputación Ourense, 2011; O futuro é para sempre - Experiência, expectativa e prácticas possíveis, Letra Livre e Através Editora, 2017. Comissariou a exposición “Entre Margens – O Tratado de Limites de 1864 entre Portugal e Espanha” no ANTT (2014-2015). Fundadora da Red(e) Ibero-Americana Resistência e/y Memória. Prémio Xesús Taboada Chivite, 2008 (Espanha).

Márcia Lika Hattóri

Arqueóloga brasileira e pesquisadora do Instituto de Ciências do Patrimônio (INCIPIT) do CSIC. Bacharel em História com especialização em Antropologia Forense Aplicada aos Direitos Humanos e mestrado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo - USP. Sua pesquisa atual procura entender como persiste, na burocracia e na gestão de mortos, o desaparecimento de pessoas na cidade de São Paulo – Brasil, comparando a última ditadura e o período democrático. Trabalhou em exposições e museus colaborativos e, por mais de sete anos, em diferentes projetos de arqueologia, principalmente em áreas de conflito sociais de cunho ambiental. Entre 2013 e 2017, atuou como arqueóloga forense nas buscas de desaparecidos pela ditadura militar brasileira para a Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal. Trabalhou em projetos de arqueologia relacionados ao passado contemporâneo no Peru, Espanha, Portugal e Etiópia. Com o coletivo Situated Imaginaries (Sit-im), ela desenvolve uma investigação centrada no patrimônio sob uma perspectiva do sul global.

Suene Honorato

Doutora em Teoria e Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); professora adjunta do Departamento de Literatura na Universidade Federal do Ceará (UFC); coordenadora do Projeto de Extensão Cine Descoberta; atualmente pesquisa a representação do indígena na Literatura Brasileira.

Silvestre Lacerda

Silvestre de Almeida Lacerda, Director-Geral do Livro, dos Arquivos e Bibliotecas e Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Membro do European Archival Group - EAG (Grupo de peritos em arquivos, junto da Comissão Europeia); Membro do European Board of National Archives – EBNA; Membro do Comité Executivo do Iberarquivos/Iberarchivos, Programa da Cimeira Iberoamericana de Chefes de Estado de apoio ao desenvolvimento de arquivos no espaço Iberoamericano.

Aitzpea Leizaola

Aitzpea Leizaola es profesora agregada de Antropología Social en la Universidad del País Vasco/ Euskal Herriko Unibertsitatea. Estudió antropología y lingüística en la Universidad de Paris X Nanterre donde llevó a cabo su doctorado en Antropología Social sobre el impacto de la frontera franco-española en la vida cotidiana, la producción de territorios, identidades y representaciones de las poblaciones fronterizas en el País Vasco. Fue Basque Visiting fellow en el European Studies Centre de la Universidad de Oxford en 2000-01. Sus investigaciones se centran principalmente en antropología política y simbólica, con un interés particular en los estudios de frontera, identidad y patrimonio, memoria y antropología de la violencia, así como formas de protesta populares. Dirigió “Abordatzera! Dokumental etnografikoa” (¡Al abordaje! Un documental etnográfico) que obtuve el Premio Visual Fest 2014 (Roma). Ha realizado trabajo de campo extensivo y multisituado en el País Vasco y España –sobre las memorias de la guerra

civil-, y más recientemente en Turquía con una etnografía sobre la comunidad sefardita de Estambul.

Manuel Loff

Doutor em História e Civilização pelo Instituto Universitário Europeu (Florença), Professor Associado na Universidade do Porto, e investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e do Centre d'Estudis sobre Dictadures i Democràcies (CEDID, UAB). Entre muitas outras obras, é autor de «O nosso século é fascista!» O mundo visto por Salazar e Franco (1936-1945) (Porto: Campo das Letras, 2008), e coordenador de Ditaduras e Revolução. Democracia e políticas da memória (Coimbra: Editorial Almedina, 2014) com Filipe Piedade e Luciana Castro Soutelo. No âmbito dos Estudos da Memória, investiga sobre a construção social da memória da opressão ou das experiências da sua superação. É colaborador regular do diário Público (Lisboa) e comentador na RTP. Ver CV em <http://orcid.org/0000-0001-5958-650X>

María Lois

María Lois es doctora en Ciencias Políticas por la Universidad Complutense de Madrid (España), donde forma parte de la facultad de Ciencias Políticas y Sociología como docente e investigadora en Geografía Política y Geopolítica desde 2001. Coordina el Comité de Investigación en Geografía Política y Cultural (RC15) de la Asociación Internacional de Ciencia Política (IPSA-AISP), y pertenece al grupo de investigación 'Espacio y Poder' (<https://www.ucm.es/espacio-y-poder/maria-lois-1>), origen de la revista Geopolítica(s), de la que es subdirectora.

João Carlos Louçã

João Carlos Louçã é doutorando em Antropologia pela FCSH-NOVA onde desenvolve uma investigação a propósito de economias que recusam o princípio capitalista, das formas de vida que as acompanham e da utopia como sua força criadora. Em 1987 integrou o Movimento Tropa Não.

Ângela Luzia

Historiadora, mestre em museologia e património. Trabalha a cultura, memória e práticas patrimoniais. Na Câmara Municipal de Almada foi responsável pelo Museu da Cidade e coordenou a rede municipal de equipamentos e serviços museológicos. Atualmente técnica do Museu da Cidade que tem como estratégia o recurso sistemático a métodos biográficos através do Arquivo de Fontes Orais, base de investigação, mobilização de públicos e trabalho de animação.

Pedro Martins

Pedro Martins é investigador do Instituto de História Contemporânea. Em 2011 concluiu uma tese de mestrado na FCSH-UNL dedicada à história do turismo balnear em Portugal. É doutorado em História Contemporânea pela mesma universidade e pela Universidade de Lucerna (2016), com uma tese sobre as representações da Idade Média no século XX português. Neste momento colabora no projeto ROSSIO (FCSH-UNL), desenvolvendo um thesaurus de indexação das imagens em movimento no ANIM - Arquivo Nacional das Imagens em

Movimento. É também membro do conselho editorial da revista *Práticas da História. Journal of Theory, Historiography and Uses of the Past*, lançada em 2015 e que já vai no seu 7º número.

Rafael Millán

Ele completou seu Grado em História na Universidade Complutense de Madrid, onde também concluiu um Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e um Mestrado em Epistemologia das Ciências Naturais e Sociais. Ao longo de sua formação, ele obteve uma bolsa JAE para Introdução à Pesquisa do CSIC e realizou uma pesquisa na Eberhardt-Karl Universität Tübingen (Alemanha). Em 2016 foi contratado como técnico no Arquivo Etnológico e Folclórico da Catalunha da Instituição Milá i Fontanals do CSIC (Barcelona). No mesmo ano, obteve a bolsa de estudos de pré-doutorado da Xunta de Galicia e, mais tarde, a formação de professores universitários (FPU) para fazer a tese no Instituto de Ciências do Patrimônio (CSIC). Ele completou recentemente uma estadia de pesquisa na Universidade de Chicago.

Cristina Nogueira

Cristina Nogueira é educadora de infância, doutorada em ciências da educação e dedica-se ao estudo da resistência ao regime fascista em Portugal.

Brian Juan O'Neill

Brian Juan O'Neill is an anthropologist with a literary background, trained at Columbia University and the London School of Economics, based in Portugal since 1982. A collaborator of the journal *Critique of Anthropology* in its early years, a sharply critical spirit has always accompanied his research, in the fields of sociolinguistics and folklore in Spain (Galicia), Mediterranean and European ethnography in Portugal (Trás-os-Montes), biographical life-histories, the historical anthropology of Portuguese Creole communities in Southeast Asia (Malacca), and the category of Eurasia within the area of 'global history'. He is currently completing a monograph deconstructing the notion that the *bairro português* in Malacca is indeed 'Portuguese' at all, but rather a phantasmagoric relic fabricated and projected backwards in time during the *Estado Novo*. His publications include *Prorietários, Lavradores, e Jornaleiras* (2011 [1984]), translated as *Social Inequality in a Portuguese Hamlet* (online 2009 [1987]), *Lugares de Aquico*-edited with Joaquim Pais de Brito (1991), *Antropologia Social - Sociedades Complexas* (2006), and *The Eurasian World of the Malacca Portuguese* (in preparation).

Luísa Tiago de Oliveira

Doutorada em História pelo ISCTE-IUL. Professora no Departamento de História e Investigadora do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do ISCTE-IUL. Tem trabalhado sobre movimentos sociais, políticos e culturais dos séculos XIX e XX. Áreas de interesse: culturas de resistência, o ativismo estudantil, o MFA e a revolução portuguesa (1974-1976). Publicações mais relevantes:

- *O Ativismo Estudantil no IST (1945-1980)* (organizadora), Lisboa, Fénix, 2019;
- Pestana, Maria Rosário e Luísa Tiago de Oliveira (organizadoras), *Cantar no Alentejo: a terra, o passado e o presente*, Lisboa, Estremoz Editora - 2017.
- "O 25 de Abril, a marinha e uma rede clandestina" in *Resistência e/y Memória - Perspectivas Ibero-Americanas*, organizado por Paula Godinho, Inês Fonseca e João Baía, Lisboa, FCSH - 2015;

- *Militares e Política: o 25 de Abril* (organizadora), Lisboa, Estuário, 2014;
- "A História Oral em Portugal" in *Sociologia. Problemas e Práticas* nº 63, pp. 139 - 156, 2010;
- "Schools 'without walls' during the portuguese revolution" in *Portuguese Journal of Social Science*, nº 4, vol. 3, pp 145 - 168, 2005;
- *Estudantes e Povo na Revolução. O Serviço Cívico Estudantil (1974-1977)*, Oeiras, Celta Editora, 2004.

Josu Santamarina Otaola

Pesquisador de pré-doutorado na Universidade do País Basco - Euskal Herriko Unibertsitatea, no Grupo de Pesquisa em Patrimônio Construído (GPAC). Graduou-se na mesma universidade (prêmio Extraordinary End of Degree, 2015) e completou um mestrado em Paisagem, Patrimônio, Território e Gestão da Cidade (2016). Ele participou de vários projetos sobre arqueologia da Guerra Civil Espanhola e da Ditadura do Franco em lugares como Belchite (2014-2015), Madrid (2016-2018) ou Repil (2016-2018). Ele dirigiu seus próprios projetos na frente de Álava no País Basco e atualmente lidera um projeto arqueológico no Monte San Pedro (Amurrio-Orduña, País Basco). Sua tese é intitulada "Arqueologia da Paisagem da Guerra Civil no País Basco (1936-1948): herança, memória e conflito".

Shawn Parkhurst

Associate Professor of Anthropology and Co-Director, Portuguese Studies - University of Louisville - Louisville, Kentucky, USA - e-mail: shawn.parkhurst@louisville.edu Ph.D. University of California, Berkeley. Selected publications:

- 2008 *Recasting Culture and Space in Iberian Contexts*. Sharon R. Roseman and Shawn S. Parkhurst, eds. Albany: State University of New York Press.
- 2014 A subjectividade no Ciclo Port Wine. A dura aprendizagem da esperança. In Paula Godinho and António Mota Redol, eds., *Alves Redol - o olhar das ciências sociais*, pp. 393-410. Lisboa: Edições Colibri.
- In Press *Ethnography in the Spatial Drama of Portugal's Port Wine Region: Class, Gender, and Family from Village Locality to Regionality*. Lanham, MD: Lexington Books.

Ema Pires

Antropóloga. Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia/Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. É Doutorada em Antropologia (ISCTE-IUL, 2012), com a tese *Paraísos Desfocados: Nostalgia Empacotada e Conexões Coloniais em Malaca*. Entre os seus interesses de pesquisa, salientam-se os processos de apropriação social de espaços, antropologia do colonialismo, processos de patrimonialização e turistificação. Tem realizado pesquisa em contextos europeus e asiáticos. Investigadora Integrada do IHC-CEFCHI_UÉ desde Novembro de 2015. Investigadora colaboradora no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (pólo ISCTE-IUL), no grupo de investigação: Práticas e Políticas da Cultura. Desde 2016, colabora ainda com o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (Brasil).

Covadonga López de Prado

E licenciada em Historia da Arte pela Universidade de Santiago de Compostela e realizou o máster en Museología, Espresione e Comunicazione Visiva, na la Università Internazionale dell'Arte de Florencia (Italia). Dende outubro de 2009 exerce como directora do Museo Massó

(Bueu-Pontevedra) de titularidade da Comunidade Autónoma galega. O seu principal obxectivo á fronte do Museo Massó é o de integralo plenamente na vida da comunidade, converténdoo nun referente do patrimonio marítimo e participar nos procesos de construción da identidade dende un enfoque feminista.

Lourenzo Fernández Prieto

(A Devesa-Ribadeo, 1961). Catedrático de Historia Contemporánea. Histagra. Depto. de Historia. Universidade de Santiago de Compostela. Especializado na historia agraria e social do mundo rural contemporáneo. Foi profesor convidado en Cork, CUNY e Princeton. Libros recentes: (2007) *El apagón tecnológico del franquismo*, Tirant lo Blanc; con Aurora Artiaga (2014) *Otras Miradas sobre golpe, guerra y dictadura*, Catarata; Con J. Pan y M. Cabo (2014) *Agriculture in the Age of Fascism. Authoritarian Technocracy and Rural Modernization, 1922-1945*, Brepols; con G. Hervella (2018); *Historia de la Guerra civil contada por dos hermanas*. Comares; con A. Míguez (2018) *Golpistas e verdugos de 1936. Historia dun pasado incómodo*, Galaxia. Coordinou os proxectos nomesevoces.net. e o fondo terraememoria.gal

Francisco Régis Lopes Ramos

Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (Brasil) e do Programa de pós-graduação em História da UFC (PPGH). Foi diretor do Museu do Ceará, do Núcleo de Documentação Cultural da UFC e do PPGH. Tem livros e artigos sobre religiosidade, literatura e museus. Como pesquisador do CNPq, desenvolve a investigação intitulada “UMA QUESTÃO DE TEMPO: O Museu Histórico Nacional e as narrativas de divulgação da História do Brasil (1922-1959)”.

Mariana Rei

Licenciada em Design (2006, Universidade de Aveiro), Mestre em Antropologia (2015, NOVA FCSH) e doutoranda em Antropologia (IHC, NOVA FCSH). Tem desenvolvido trabalho no domínio da memória do trabalho e da classe operária em contextos (des)industrializados, articulando ferramentas metodológicas da antropologia e da história com as culturas visuais.

Raúl H. Contreras Román

Raúl H. Contreras Román, es doctor en antropología por la Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM. Ha desarrollado investigación con poblaciones indígenas y campesinas de Chile, Colombia, Brasil y México. Forma parte del Seminario Permanente de Estudios Sociales sobre el Tiempo de la UNAM y colabora en proyectos de investigación sobre futuros, economía y política en la misma casa de estudios.

Maria de Lurdes Rosa

Doutorada em História medieval pela École des Hautes Études en Sciences Sociales/ Universidade Nova de Lisboa. Exerce funções docentes no Departamento de História da FCSH/ UNL e é membro do Instituto de Estudos Medievais da mesma instituição. Tem como áreas de estudo a história cultural e das mentalidades da Idade Média. Tendo desempenhado, em paralelo à docência e investigação em História medieval, trabalho técnico e de investigação na área da arquivística, dedica-se, desde 2009, a um projecto de estudo e de dinamização dos arquivos de família, no âmbito do qual publicou vários artigos e livros. Coordenou o Mestrado em CID da

FCSH e coordena, desde 2010, a área de Arquivística Histórica do Curso de doutoramento em História da FCSH/UNL. Foi investigadora principal do projecto «Inventários de arquivos de família, sécs. XV-XIX: de gestão e prova a memórias perdidas. Repensando o arquivo pré-moderno», financiado pela FCT (2014-2015) e membro da equipa do Programa de Investigação internacional, sediado na Casa de Velazquez, em Madrid, ARCHIFAM - «Les archives de familles en péninsule Ibérique (XIV^e-XVII^e siècle)» (2013-2015). Coordenou a edição do livro *Arquivos de família, memórias habitadas: guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco* (2014) e de outras obras dedicadas a arquivos de família. É autora de diversos artigos e capítulos de livros na área da Arquivística Histórica. Foi “fellow” do Institute for Advanced Study, Princeton, em 2015, com uma proposta de investigação sobre arquivos de família no Portugal de Antigo Regime; em Março de 2018 foi professora convidada da École Nationale des Chartes, Paris. Recebeu, em 2018, uma bolsa “Consolidator Grant” do European Research Council, para realizar o projecto “Entailing Perpetuity: Family, Power, Identity. The Social Agency of a Corporate Body (Southern Europe, 14th-17th Centuries)”.

Fernando Rosas

Professor emérito da NOVA-FCSH, Fernando Rosas (Lisboa, 1946) é professor catedrático jubilado no departamento de História da FCSH-NOVA e Investigador no Instituto de História Contemporânea da mesma instituição, do qual foi fundador e Presidente da Direcção entre 1994 e Fevereiro de 2013. Entre 1988 e 1995, integrou o conselho de redacção da revista *Penélope – Fazer e Desfazer a História*. Entre 1994 e 2007, dirigiu a revista *História*. Publicou variadíssimas obras como autor, dirigiu, coordenou e é co-autor de muitas outras na área da sua especialidade (História do século XX), entre elas: *As primeiras eleições legislativas sob o Estado Novo: as eleições de 16 de Dezembro de 1934*, (1985); *O Estado Novo nos Anos 30. Elementos para o Estudo da Natureza Económica e Social do Salazarismo (1928-1938)*, (1986); *O salazarismo e a Aliança Luso-Britânica : estudos sobre a política externa do Estado Novo nos anos 30 a 40*, (1988); *Salazar e o Salazarismo* (co-autor), (1989); *Portugal Entre a Paz e a Guerra (1939/45)*, (1990); *Portugal e o Estado Novo (1930/60)*, (co-autor), (1992); *História de Portugal*, vol. VII – *O Estado Novo (1926/74)*, (1994); *Dicionário de História do Estado Novo*, (dir.), (1995); *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, (coord.), (1996); *Armindo Monteiro e Oliveira Salazar : correspondência política, 1926-1955*, (coord.) (1996); *Salazarismo e Fomento Económico*, (2000); *Portugal Século XX : Pensamento e Acção Política*, (2004); *Lisboa Revolucionária, Roteiros dos Confrontos Armados no Século XX*, (2007); *História da Primeira República Portuguesa*, (co-coord.), (2010); *Salazar e o Poder. A Arte de Saber Durar* (2012); *Estado Novo e Universidade. A perseguição aos Professores*, (co-autor), (2013); *O Adeus ao Império. 40 Anos de Descolonização Portuguesa* (co-coord.), (2015); *Salazar e os Fascismos* (2019).

Foi deputado à Assembleia da República em 2000 e 2001 e de 2005 a 2010.

Maria Alice Samara

Doutorada em História Institucional e Política Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, é investigadora do Instituto de História Contemporânea (FCSH/UNL).

Maria da Luz Sampaio

I graduated in History by the Faculty of Humanities - University of Porto in 1989. By 1993 I had a post-graduation in Social Museology by University of Lusófona, Lisbon. In 2009, I finished the Master in Local and Regional Studies in the Faculty of Humanities of University of Porto with the thesis “Central do Freixo a Thermolectric project of the region of Porto”. In 2016 I finished

my PHD in History and Philosophy of Science, specialization in Museology at the University of Évora, with the title "From the factory to the Museum: identification, heritization and diffusion of technical-industrial culture". Maria da Luz Sampaio works at the Institute of Contemporary History of Universidade Nova and has a collaborative work with (CIDEHUS), Universidade de Évora. Currently has a scholarship of FCT - Foundation of Science and Technology to the project "History of Engineering Education- 1910-1960". Started the professional activity with a project in education history with António Sampaio da Nóvoa, later participated in the industrial Inventory of the city of Porto and then started to work in the project of the Museum of Science and Industry, where she became director. Author of books and papers about local history, conversion of Industrial buildings, museum plan, industrial development. Currently and after its Ph.D. does research in History of Science and Technology, History of Engineering Urban History, and also cultural studies, history of museums.

Dulce Simões

Dulce Simões é doutorada em Antropologia pela NOVA FCSH, investigadora do INET-md / NOVA FCSH, membro do RIARM, colaboradora do GESSA / UEX e do IHC / NOVA FCSH. Realiza investigação sobre fronteiras e identidades, usos políticos do passado e práticas da cultura.

Xurxo M. Ayán Vila

Doutor em Arqueologia pela Universidade de Santiago de Compostela. Foi pesquisador de pré-doutoramento do programa I3P do Fundo Social Europeu no Instituto de Ciências do Patrimônio do CSIC. Entre 2014 e 2017, foi pesquisador de pós-doutorado no Grupo de Pesquisa em Patrimônio Construído da Universidade do País Basco. Atualmente é investigador principal da FCT no Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Especialista em Arqueologia da Idade do Ferro e Arqueologia Comunitária, nos últimos anos tem focado sua pesquisa na Arqueologia do Passado Recente, com ênfase especial na arqueologia da Guerra Civil Espanhola, na guerrilha do pós-guerra e na colonização agrária e industrial do franquismo Seus últimos livros são "*Altamira vista por los españoles*" (JAS Editorial, 2015) e "*Arqueología: Una introducción a la materialidad del pasado*" (Alianza Editorial, 2018).

Fabienne Wateau

Fabienne Wateau é Professora Doutora de antropologia da Universidade de Paris-Nanterre e Diretora de Investigação do CNRS. Trabalha em Portugal sobre questões relativas à gestão de recursos e de comuns, tal como a partilha da água (Wateau, 2000), os efeitos socioeconómicos da implantação de uma grande barragem (Wateau 2014), ou ainda hoje a relação das populações e dos políticos com os espaços contaminados.

Comissão Científica

Adelaide Gonçalves (Universidade Federal do Ceará)
Agustin Azkarate Garai-Olaun (Universidad del Pais Vasco)
Brian Juan O'Neill (ISCTE-IUL)
Clara Aldrighi (Universidad La Republica, Montevideo)
Fabienne Wateau (CNRS, Nanterre)
Fernando Rosas (IHC – NOVA FCSH)
Felipe Criado Boado (INCIPIT – CSIC)
Gerardo Necochea (UNAM)
Lourenzo Fernández Prieto (Universidade de Santiago de Compostela)
Manuel Loff (Universidade do Porto)
María García (UNED)
Miguel Cardina (CES—Universidade de Coimbra)
Pablo Pozzi (Universidad de Buenos Aires)
Victor Pereira (Université de Pau)

Comissão organizadora (IHC – NOVA FCSH):

Ema Pires, Maria Alice Samara, Paula Godinho, Pedro Martins, Rui Mateus Pereira e Xurxo Ayán

Organização:

Linha de Investigação «Usos do Passado, Memória e Património Cultural», Instituto de História Contemporânea

Co-organização:

Pós-graduação em História da Universidade Federal do Ceará
INCIPIT – CSIC (Santiago de Compostela)
Museo do Pobo Galego
CES—Universidade de Coimbra
Museu do Aljube
Casa da Achada